

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

"CIRANDA - CIRANDINHA" :

MANUTENÇÃO DA TRADIÇÃO OU PERSPECTIVA DE MUDANÇA ?

Trabalho apresentado ao Depto.
de Educação Física como requi-
sito parcial para obtenção do
grau Especialista em Educação
Física.

CAMPINAS - 1989



ROSA ASSAKO MARUYAMA

"CIRANDA - CIRANDINHA" :
MANUTENÇÃO DA TRADIÇÃO OU PERSPECTIVA DE MUDANÇA?

CAMPINAS - 1989

ÍNDICE

	pág.
Introdução -----	03
Parte I - Revisão Bibliográfica -----	05
Capítulo 1 - "Ciranda-cirandinha", discussão sobre os conceitos -----	05
Capítulo 2 - Influências do regionalismo na estrutura da "ciranda-cirandinha"--	13
Capítulo 3 - Discussão: Tradição X Modernização-	15
Capítulo 4 - O papel da escola nas atividades físicas -----	20
Parte II - Metodologia: Material, Métodos e População-----	26
Parte III - Discussão dos Resultados -----	28
Conclusão -----	34
Referências Bibliográficas -----	36
Anexo 1 - Melodias - Partituras -----	40
Anexo 2 - Tabela 1 -----	46
Anexo 3 - Questionário -----	47
Anexo 4 - Resultados -----	49

INTRODUÇÃO

"Nas relações com as práticas sócio-afetivas a criança tem mantido mais fixas suas formas, talvez por reforço do adulto, trazendo-nos, assim, por tradição as cirandinhas". (JURADO FILHO, 1986, pp.29-33)

A "ciranda-cirandinha", assim como, outras cantigas de roda são tradicionalmente conhecidas como "brincadeiras de rua". Como o próprio nome já diz, essas brincadeiras exigem um certo espaço físico para serem efetuados.

Com o advento da modernização e consequente industrialização, essas áreas correm o risco de ficarem cada vez mais escassas.

Assim, aspectos como: afetivo-social, psicológico, comportamental e principalmente motor, podem sofrer grandes alterações e retardos. (IKEDA, 1982)

Não se pretende negar aqui o processo de urbanização que, pode acarretar benefícios como o exemplo dos jogos e letrônicos e os de estimulação da memória e inteligência. Estes também podem ser utilizados como opções de lazer.

O objetivo desta pesquisa é verificar se a brincadeira de roda "ciranda-cirandinha" vem mantendo sua tradição em forma e função, apesar das interferências citadas anteriormente.

Outro aspecto a ser enfocado seria se outros motivos alheios à modernização também interferem.

"A cantiga deixou de ser aprendida através das manifestações espontâneas do adulto, passando então a criança a aprender da criança mais velha, por tradição. As primeiras em determinada fase, deixam de lado a brincadeira, enquanto as últimas - então mais velhas - ensinam às novas crianças que entram na fase da brincadeira." (JURADO FILHO, 1986, pp. 29-33)

Durante essa passagem da informação da criança mais velha para a mais nova, há possibilidade de se alterar a cantiga por esquecimento de parte da letra ou pela forma de assimilação que a criança teve, já que este processo é individualizado.

Outros fatores que podem influenciar em alguma mudança também, são os regionais. Cada região tem aspectos característicos peculiares, além do vocabulário diversificado.

A manutenção da tradição, depende entre outros fatores, do conhecimento que a criança tem sobre o tema e o acesso que tem a eles.

A escola deve possibilitar importante instrumento de ativação no que diz respeito às atividades aplicadas regularmente e estimular as variedades de situações de lazer que possibilitam a interação social e o desenvolvimento dos aspectos afetivos.

Professores de Educação Física e outros de Educação Infantil, podem prestar grande auxílio no desenvolvimento das destrezas físicas, criatividade, do ritmo, da percepção espaço-temporal, etc. (IKEDA, 1982)

Para tanto a utilização do espaço que a escola oferece, auxiliaria a prática de atividades, como por exemplo as brincadeiras de roda.

Longe de distinções sociais e grandes recursos materiais, elas são básicas para qualquer criança, pelos motivos já citados.

Tendo em vista a amplitude da abordagem que o tema proporciona, este estudo pode manifestar-se como um reflexo das atitudes comportamentais do lazer na periferia e na grande cidade. Não tendo como objetivo solucionar imediatamente os problemas enfocados e sim alertar e apurar as possibilidades de contribuições no sentido de respaldar futuros estudos.

PARTE I : REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

CAPÍTULO 1 - "Ciranda-cirandinha" - discussão sobre os conceitos

1.1. Origem

A palavra ciranda aparece como de origem arábica segundo Antônio Moraes Silva (citado por RABELO, 1979)

A "ciranda-cirandinha", segundo FERNANDES (1961), deve ser de origem portuguesa, porém não se conseguiu ainda uma composição (letra e partitura) que mais se assemelhe com a que se encontra no Brasil. Fernando Tomás citado por FERNANDES (1961) registra uma letra, talvez a que coubesse melhor à versão brasileira:

"A ciranda tem 3 filhas,
Todas três por batizar;
A mais nova delas todas,
Ciranda se há de chamar.

Ó ciranda, cirandinha,
Vamos nós a cirandar;
Lá no tempo da azeitona,
Ainda a ciranda no ar."

Nesta letra verifica-se que apenas os dois primeiros versos da 2ª quadra assemelha-se com as letras do Brasil.

A ciranda, em Portugal era aplicada para acompanhar os indivíduos no trabalho de peneirar os cereais, talvez como forma de amenizar o cansaço. (Dulce Martins Lamas citada por LACERDA, 1985).

Apesar das citações dos autores acima, a origem da "ciranda-cirandinha" ainda é muito controversa.

1.2. Características

A "ciranda-cirandinha" pode ser considerada uma brincadeira de roda cantada, portanto, uma cantiga. Nela, pode-se incluir também, movimentos circulares, ritmados e em forma de dança para adultos e crianças. As letras da música vem sofrendo várias modificações através das gerações cita (JUNIOR ,

1976), supostamente por vários motivos:

- a) As palavras tornam-se anacrônicas.
- b) Algumas palavras deixam de ser usadas no vocabulário diário.
- c) A gíria de hoje pode ser uma palavra comum na linguagem de amanhã.
- d) A criança ao cantar a música, não pensa no significado das palavras, podendo esquecê-las facilmente e portanto, alterá-las.

As rodas infantis brasileiras pouco têm de nacional, sofrendo mudanças regionais em sua forma original, de procedência francesa ou lusitana. Mesmo assim, são as mais aceitas devido à sua simplicidade e facilidade de acesso. Ao contrário do que acontece com os costumes importados que caem em desuso com facilidade. (BRIGUIET, 1942)

1.3. Significados do conceito - "Ciranda"

- "dança de roda infantil" (CUNHA, 1982)
- "dança infantil de roda", sendo em Portugal, praticada por adultos (CASCUDO, 1980, p.218)
- é uma dança rural, onde se faz uma roda. Antigamente era roda de adultos e posteriormente foi modificada para crianças. (GIFFONI, 1964)
- Já, RABELO (1979), diz que a ciranda no Brasil é unicamente roda infantil, sendo uma dança cantada destinadas às crianças.
- É uma das cantigas de roda mais populares no país todo. Não há criança que não a conheça. Todas as letras são semelhantes entre si, diferindo na maneira de se escrever ou acrescentada de um ou dois versos diferentes. (MELO, 1921)
- A "ciranda-cirandinha" é uma das rodas mais populares no Brasil. Também é uma das mais cantadas e conhecidas. (RODRIGUES, 1984)

Consultando-se alguns dicionários da Língua Portuguesa e de folclore, encontram-se também, várias definições para a palavra Ciranda. Ela aparece, entre outros, com os se-

guintes significados: "Peneira" (CUNHA, 1982)

"Encadear, enlaçar, tecer uma cousa com outra , instrumento para limpar o cal, a areia de cascalho, pedras, etc." Antônio Moraes Silva (citado por RABELO, 1979, pp.29-33)

Após a publicação do dicionário de Pereira da Costa, (século passado e início do atual), nenhum outro classificou ciranda como cantiga de roda infantil ou roda de adultos.

Uma questão a ser levantada é se a ciranda de adulto ou de criança já existia ou se a não citação ocorreu devido à aversão dos velhos dicionaristas ao "registro de provincialismo, sob o falso pretexto de que eram corruptores da Língua" a firma Garcia, (citado por RABELO, 1979, pp.29-33).

Em relação às palavras "corruptores da Língua" , Mário de Andrade, (citado por BRIGUIET, 1940), faz a seguinte citação:

"A criança brasileira se mostra particularmente incapaz de criar melodias nacionalmente raçadas." (ANDRADE, p. 109)

Mas o mesmo autor, reconhece que a "ciranda- cirandinha" passa por processo de metamorfose, podendo distanciar-se do original, mas adquirindo propriedades específicas de outras culturas.

1.4. Variações nos versos:

Como já foi visto, o item 1.2. referiu-se às letras das músicas e os possíveis motivos de suas alterações. Aqui são citados alguns exemplos a fim de clarear o enfoque. Registro de 1879:

"A ciranda , cirandinha,
Vamos todos cirandar; (BIS)
Vamos dar a meia volta,
Volta e meia vamos dar." (BIS)

"Se esta rua fôsse minha,
 Eu mandava ladrilhar; (BIS)
 Com pedrinhas de brilhante,
 Para o meu amor passar." (BIS)
 (RESENDE, ,p.53)

LACERDA (1985), cita Guilherme de Melo que teria registrado a ciranda, desta forma:

"Ciranda, cirandinha,
 Vamos todos cirandar;
 Vamos dar a meia volta,
 Meia volta vamos dar;
 Vamos dar a outra meia,
 Outra meia e troca o par." (p.26)

PEDREIRA (1978) relata a brincadeira aos pares com a seguinte alteração:

"Ciranda, cirandinha,
 Vamos todos cirandar;
 Vamos dar a meia volta,
 Volta e meia vamos dar:
 Vamos dar a outra meia,
 Cavalheiro, troca o par."

Ainda na mesma letra acrescenta:

"Este par não é meu,
 Este par está trocado;
 O meu estava de azul,
 Este está de encarnado." (p.55)

SILVEIRA, citado por LACERDA (1985), registrou-a também como dança de sapateado, o que se deduz pela maneira como a reproduziu:

"Ó ciranda, cirandinha,
 Bamos nós a cirandar;
 Bamos nós dar meia volta,
 Volta e meia bamos dar.
 Bamos dar mais uma volta,
 Sapateia e troca o par."

Apesar do início da letra da música "ciranda-cirandinha" geralmente não se modifica o seu restante, na maioria das vezes, encontra-se alterado. Fazendo-se uma analogia, seria como decorar a letra de uma música, sabendo-se cantar apenas o seu estribilho, o seu fim ou o seu início, sem lembrar do meio.

Esta poderia ser uma explicação para o fato de tantas letras diferentes terem inícios semelhantes, como segue:

No livro: "Rodas, Brincadeiras e Costumes", RODRIGUES (1984, p.38), registra esta versão de São João da Barra, que por volta de 1905, sofreu alterações, permanecendo da seguinte forma:

"Ciranda, cirandinha,
Vamos todos cirandar!
Vamos dar a meia volta,
Volta e meia vamos dar!
Vamos dar a meia volta,
Quem stá bem deixá-lo estar!"

Quem stá bem deixá-lo star,
Que eu não posso estar melhor!
Tá no pé do meu benzinho,
Não há regalo maior!
Tá no pé do meu benzinho,
Não há regalo maior!

Ciranda não me convida,
Para ir ao seu serão!
Fazer uma maçaroca,
De massa de algodão!
Fazer uma maçaroca,
De massa de algodão!

Por isso dona "Fulana",
Entre dentro desta roda!
Diga um verso bem bonito,
Peça adeus e vá s'embora."

Nesta versão MELO, E. (1947) citada por MELO (1921) proveniente de Natal - R.N., as garotas fazem um círculo e cantam, mexendo o corpo e girando:

Ciranda, cirandinha, BIS
Vamos todos cirandar;

Vamos dar a meia volta,
 Meia volta vamos dar;
 Vamos dar a volta inteira,
 Cavalheiro, troca o par

O anel que tu me deste
 Era vidro e se quebrou;
 O amor que tu me tinhas,
 Era pouco e se acabou.

Sílvia Romero, citado por FERNANDES (1961), colheu em Pernambuco, uma variante da letra, cujos quatro primeiros versos são "paralelos" à versão paulistana:

"Oh! Ciranda, Oh! Cirandinha,	A ciranda diz que tem
Vamos todos cirandar;	Duas filhas prá casar;
Vamos dar a meia volta,	Uma tem a perna torta,
Volta e meia vamos dar;	A outra não sabe falar, etc!"
Vamos dar a volta inteira,	(p.193)
Cavalheiro troque o par.	

CASCUDO (1982), colheu os seguintes versos, provenientes de Natal - R.N. :

"Ó ciranda, ó cirandinha,
 Vamos todos cirandar;
 Vamos dar a meia volta,
 Meia volta vamos dar;
 E depois da volta dada,
 Cavalheiro troque o par." (p.218)

Teófilo Braga, citado por MELO (1921), registra uma versão da ciranda, que difere apenas na ortografia:

"Oh! siranda, oh! sirandinha,
 Vamos nós a sirandar, etc." (p.285)

Zaide Maciel Castro, citada por CASCUDO (1980) ,
registra uma versão de Portugal:

"Ó ciranda, ó cirandinha,
Vamos nós a cirandar;
Vamos dar a meia volta,
Meia volta vamos dar.
Vamos dar a outra meia,
Outra meia e troca o par! " (p.218)

Fernando de Castro Pires de Lima, citado por ME-
LO (1981), colheu em São Simão de Novaes esta estrofe:

"(...)
.....
O amor que tu me tinhas
O anel o demonstrou." (p.285)

FERNANDES (1961), registra sua versão da "ciranda
-cirandinha", onde as crianças fazem uma roda e cantam:

"Ciranda, Cirandinha,
Vamos todos cirandar,
Vamos dar a meia volta,
Volta e meia vamos dar.

O anel que tu me deste
Era vidro e se quebrou;
O amor que tu me tinhas
Era pouco e se acabou,

Por isso dona "Fulana"
Faz favor de entrar na roda
Diz um verso bem bonito,
Diga adeus e vai se embora."

(p.192)

Nesta versão colhida em Elvas, Luís Chares citado por MELO (1921), faz a ligação da "ciranda-cirandinha" com a colheita da azeitona:

"Arrejai, arrejadores;
Apanhai, apanhadeiras;
Apanhai, baguinhos de oiro,
Que caem das oliveiras.

Ó ciranda, ó cirandinha,
Vamos nós a cirandar;
Lá no tempo da azeitona
Anda a Ciranda no ar." (p.284)

CAPITULO 2 - Influência do regionalismo na estrutura da "ciranda-cirandinha"

De norte a sul do Brasil, pode-se encontrar muitas diferenças nas Letras das músicas cantadas das brincadeiras de roda, além de modificações em sua apresentação coreográfica.

Partindo-se de um núcleo regional e atingindo áreas mais periféricas, as tradições vão se adequando à região, fazendo um intercâmbio com o meio, para dar forças à sua forma de atuação. Portanto é imprescindível levar em consideração as características peculiares de cada ponto geográfico, o que torna seu caráter pitoresco pelas próprias influências do padrão original. (DIÉGUES, 1976)

Para elucidar esta diferença encontrada nas várias regiões do Brasil, tem-se alguns registros:

- CASCUDO (1980), verificou que a ciranda no Rio de Janeiro, mais precisamente em Parati, é praticado como Samba rural.

- Na Enciclopédia da Música Brasileira (1977), a ciranda foi encontrada em Parati, Tietê e Itanhaém no ritmo de valsa.

- Em São Paulo, a ciranda é dançada por adultos, formando-se duas rodas concêntricas onde os homens ficam do lado interno e as mulheres do lado externo. (CASCUDO, 1980)

- Já GIFFONI (1964), registrou em São Paulo, uma dança de adultos, dois a dois, com uma coreografia de fácil assimilação.

- Para LACERDA (1985), a ciranda era dançada em São Paulo, norte de Goiás e região nordeste, somente por adultos.

Segundo a Enciclopédia da Música Brasileira (1977), em São Paulo, a ciranda é chamada de 'sereninha'.

Ainda no mesmo livro verifica-se que em Taubaté, a ciranda adquire o ritmo de rufado, aqui dançado, com acompanhamento de duas violas, dois adufes, uma rabeca e um reco-reco.

A coreografia para esta dança é a seguinte: a música cantada acompanha toda a coreografia. Quando os casais ficam dispostos em seus lugares, a música começa. Os mesmos, formam um círculo, ficando a mulher e o homem frente a frente e , portanto, de costas para os casais do lado.

LACERDA (1985) cita que no sul de Goiás, a ciranda é conhecida como cantiga de roda infantil, porém faltam comprovantes para esta afirmação.

Consultando-se a Enciclopédia da Música Brasileira (1977)¹, a ciranda em Goiás é encontrada como "serandi" e em Minas Gerais como "serandina".

Na Amazônia e no Rio Grande do Norte, aparece como dança dramática contida no bumba-meu-boi.²

1 - Enciclopédia da Música Brasileira, 1977

2 - id. ibid.

CAPÍTULO 3 - Discussão: Tradição X Modernização

3.1. O que é tradição

Segundo AURÉLIO (1977, p.474), a palavra tradição tem significado de "transmissão oral de lendas, fatos, etc., degeneração de idade em idade, de geração em geração.

Manter uma tradição, portanto, significa conservá-la através do tempo, podendo sofrer alterações ou não.

À medida em que se fala na manutenção da tradição relacionado às brincadeiras de roda ou mais especificamente à "ciranda-cirandinha", inclui-se a possibilidade desta, sofrer algumas alterações, como já foi visto no Capítulo 1 e 2.

Segundo GARCIA (), a tradição de se cantar, não pode ser esquecida.

A canção que é tocada hoje nas rádios, futuramente poderá ser encarada como fato marcante de uma época anterior, de uma moda, de uma cultura. Já as canções passageiras cairão no esquecimento.

O folclore brasileiro sofre alterações, porque não é um fenômeno estático, mesmo sendo de origem portuguesa ou proveniente da África, a ciranda hoje, encontra-se modificada. O próprio povo é responsável por isto, inovando sempre as antigas tradições e deixando marcas puramente nacionais.

Não só portugueses, africanos ou índios fizeram a história da cultura brasileira, outros grupos também o fizeram, daí a razão de significantes culturais tão diversificados.

O folclore se transforma e evolui como tudo na vida e a sociedade inclusive.

Há aqueles que não admitem tais transformações em uma tradição, como a cantiga de roda. Para estes existe a adaptação, a alteração.

"O folclore não pode fugir a esta mudança, desde que ela não contribua para alterar o que foi originariamente criado". (DIEGUES, 1976, pp.7-12)

3.2. A Modernização no processo de transformação

Se atualmente não se encontra mais crianças brincando na rua ou nos terrenos baldios, enfim em algum espaço fí-

sico que comporte as brincadeiras de roda, a modernização decorrente do progresso, pode ser um dos grandes responsáveis por isto.

O crescimento da quantidade de academias destinadas à qualquer tipo de atividade física e também de clubes esportivos, que tentam compensar a perda destes espaços vitais ; peca no excessivo trabalho diretivo, não dando à população infantil a oportunidade de criar. (IKEDA, 1982)

Deve-se levar em conta também o lado sócio econômico, já que locais como academias ou clubes, pode não ter acesso à população economicamente menos favorecida.

Cada cidade deveria ter um mínimo de áreas verdes que possibilitassem às crianças e adultos, atividades recreativas ao ar livre. (MIRANDA, 1984)

Contudo, esses espaços tão necessários, são cada vez mais ocupados, pelos arranha-céus, pelo grande número de automóveis, além da concorrência dos brinquedos modernos (eletrônicos e industrializados), fazem com que atividades tradicionalistas, como as brincadeiras infantis, sejam levadas ao esquecimento. (IKEDA, 1982)

Sobre brinquedos eletrônicos e de outros tipos , especificamente, será feito um enfoque mais detalhado no item seguinte.

Na expansão de uma cidade, o que chamamos de progresso, não tem limites. Os terrenos já não comportam as construções, portanto, há o crescimento vertical. As áreas livres, os espaços vazios, o cantinho para se brincar, vão desaparecendo, e o indivíduo é condenado a viver sem os elementos básicos a que se destina o lazer, os quais fazem parte do cotidiano da sociedade moderna. (MIRANDA, 1984)

3.2.1. A Modernização e o brinquedo

A importância do brinquedo é ressaltado por vários autores e não se nega aqui este fator, porém o enfoque crítico feito relaciona-se a maneira pela qual se dá sua utilização e também os interesses que existem por trás disso.

Henriqueta Rosa F. Braga a respeito do brinquedo, coloca a sua importância frente ao desenvolvimento da personalidade, do aspecto motor, da solidariedade, do amor ao próximo e de todos os bons sentimentos para uma vida saudável. (LACERDA, 1985)

O brinquedo além dos aspectos afetivo-social e motor, também desenvolve o cognitivo, visto que com o advento da industrialização, materiais como sucatas de ferro velho ou outros, fazem a criança criar novos brinquedos ou recriar a partir de outros. (MELLO,1985)

Em vista disso, verifica-se que uma criança não pode passar sua infância sem entrar em contato com atividades lúdicas, indispensáveis nessa faixa etária. Porém para tanto, ela necessita de tempo e espaço, o que torna mais complicada a situação, pois a agitação da atualidade, está em contraposição a isto.

Não só o fator espaço-tempo prejudica a manutenção das brincadeiras populares infantis, os jogos eletrônicos e industrializados também o fazem. Juntamente com os veículos de propaganda e marketing que dão apoio na divulgação destes brinquedos. (MELLO, 1985)

O mais alarmante é o fato destes brinquedos, exigirem pouco da criança, no tocante aos aspectos cognitivos e motores. Cognitivos, porque, quanto mais avançado o brinquedo (maior tecnologia), menos a criança utiliza a sua memória, a sua criatividade, inclusive, o brinquedo faz o papel da criança.

No tocante ao aspecto motor, os movimentos, devem se restringir ao deslocamento espacial que ~~este~~ tipo de brinquedo propõe, por vezes, apenas manual ou nem mesmo isto.

OLIVEIRA (1984), critica esse lado do brinquedo, afirmando que, nesse tipo de brincadeira a criança fica inerte, não fala, não pergunta, não pensa. A máquina dita as regras do jogo, e orienta a criança. Ela não faz nada além do que, o que já se encontra programado. A atividade separa o bom reprodutor do bom jogador, há aqueles que aprendem o jogo e há aqueles que o

automatizam, sem imaginar o que há "por trás" destes.

Infelizmente, o tema abordado é considerado irrelevante, frente aos problemas relacionados à nutrição, previdência social, saúde em geral, etc.

A estrutura de uma sociedade vive em constante alteração, e com ela, a relação pai-filho vive um eterno conflito; portanto conclue-se que a questão do brinquedo será alvo ainda, de muita discussão, por muito tempo. (OLIVEIRA, 1982)

3.2.2. A importância do brinquedo

Cabe discutir aqui as diferenças mais marcantes, entre brinquedos e brincadeiras.

Segundo MAYNARD (1964), brinquedos seriam as atividades nas quais não haveria competição, brinca-se pelo próprio prazer da atividade.

O brinquedo pode ser realizado individualmente, o que não ocorre com a brincadeira, que necessita de no mínimo duas pessoas. (MAYNARD, 1964)

Outro significado para o brinquedo, é segundo o material com o qual se joga ou o número de pessoas envolvidas.

A brincadeira, pelo contrário, tem o sentido de competição, procura-se o ganhador, a vitória.

Para Raabe (citado por OLIVEIRA, 1982), as brincadeiras infantis têm o mesmo significado aqui ou em qualquer outro lugar. O que varia são as formas como se brincam, dependendo dos costumes do povo e das brincadeiras criadas.

Não importa a maneira com que as crianças se utilizam do jogo, da brincadeira, ou do brinquedo, para elas, o significado converge para um mesmo fim, ou seja, brincar.

Para alguns autores, diferenças e semelhanças em relação aos têrmos mencionados acima, tornam-se subjetivos. Todos eles são denominados lúdicos, atividades espontâneas, livres de tensão, com um fim em si mesmas, proporcionando prazer ao executá-las.

BOMTEMPO (1986), faz uma abordagem do brinquedo, relatando que variáveis como sexo, faixa etária, nível de desen

volvimento, tempo que a criança fica com o brinquedo, e também o material com o qual o brinquedo foi confeccionado, fazem a criança ter reações diferentes frente a um mesmo brinquedo.

O brinquedo utilizado para aliviar tensões emocionais, como o ciúmes de uma criança que era filha única e agora com uma irmãzinha, naturalmente com as atenções voltadas à ela, relata Bomtempo, é explicado, por exemplo, no ato da menina mais velha furar os olhos de sua boneca, imaginando que fosse os de sua irmãzinha.

Não se pode esquecer também, o lado social do brinquedo. Fato é que, como esta atividade coloca indivíduos, frente à frente, valores como ética social e outros, envolvendo o sentido de sociedade, povo, reunião de pessoas, começam a ser refletidos.

Um mesmo jogo pode aproximar povos distantes com língua e costumes diferentes, tornando-se uma coisa só.

Para PIAGET (1971), o conhecimento provém da relação que a criança tem com o meio numa ação recíproca. O brincar, encaixa-se nesta relação (eu + realidade). A criatividade entra como geradora de futuras reflexões e da razão. BOMTEMPO (in OLIVEIRA , 1982)

Uma sociedade que deseja atingir um bom nível de desenvolvimento, deve dar importância ao lado lúdico, não deixando de encaixá-lo no processo pedagógico, afirma BOMTEMPO (in OLIVEIRA ,1982)

CAPÍTULO 4 - O papel da escola na atividade física

Primeiramente, num âmbito mais geral, serão enfocados os objetivos da Educação Física pré-escolar e escolar (1ª a 4ª série), analisando desde a entrada da criança até a sua fase de adaptação. Posteriormente, far-se-á um enfoque do folclore na escola, restringindo em última análise as cantigas de roda.

A faixa etária caracterizada neste capítulo ficará em torno de 6-12 anos, cujas características físicas, psicológicas e sociais serão descritas na Tabela (1) anexo 2. (BEE, 1984)

Poder-se-á então, levantar em discussão, a atuação da escola na prática de atividades físicas, nessa fase da vida da criança.

4.1. A Educação Física Pré-Escolar e Escolar

Quando uma criança chega à escola, traz consigo toda uma bagagem de conhecimentos adquiridos através de uma educação não formal: a família. Não só a família, mas todo o ambiente que envolve a criança, constituindo sua cultura, antes do seu ingresso escolar, deve ser levado em consideração pela instituição.

"É a partir desse conhecimento, portanto, que devemos atuar, de forma que a ação pedagógica, promova a ação desse conhecimento construído pelas crianças nas suas relações como meio em que ela vive."
(Proposta Curricular de Educação Física - 1º grau, 1986, p.4)

A criança na faixa etária de 7-8 anos ou mais, desenvolve, como será citado por Helen Bee (Tabela 1), a fase de operações concretas. Apesar disso, e sem negar a importância da sala de aula e toda a sua função pedagógica, a criança do Ciclo Básico (1ª-4ª série), deveria desenvolver esta relação ló-

gica, no plano psicológico e motor, não apenas no cognitivo. (Proposta Curricular de Educação Física - 1º grau, 1986,p.4)

Respeitando a criança com um ser total (sujeito + mundo), a Educação Física, torna-se uma disciplina destinada ao ensino-aprendizagem.

A participação do aluno conta no trabalho do professor para a reavaliação do curso.

Em relação à família ainda, a criança ao sair de casa, defronta-se com uma estrutura social mais ramificada e não encontra nela, a proteção anterior, sente-se perdida e o seu pessimismo, verificado no 1º ano do seu ingresso escolar é nítido.

Sobre esse assunto PALLARÉS (1981), faz uma citação importante:

"Com o ingresso da criança na escola a influência da família se torna limitada e surgem outras figuras de autoridade; ela necessita ambientar-se, ela observa os valores, e tem uma idéia do adulto; é pois necessário que o adulto, proceda com maior bom senso, para não prejudicar a relação de afetividade entre ele e a criança, e esta, guarda a influência do professor por ser a primeira autoridade a deparar-se quando enfrenta a escola." (p.11)

A ação pedagógica não deve restringir o aluno a uma cultura apenas, pelo contrário, deve dar a ele pressupostos para o conhecimento de outras culturas. Uma criança de nível econômico mais baixo, não necessariamente tem pouca cultura, pelo contrário, o que ela aprende extra-escola também deve ser considerado e o acesso ao maior conhecimento deve ser dado pela instituição. Como fazer e o que fazer para haver essa reciclagem de conhecimentos entre indivíduos de classes sociais diferentes e culturais diferentes é um grande desafio, que a atual pedagogo-

gia está enfrentando, mas não é impossível, basta apenas tentar. (Proposta Curricular de Educação Física - 1º grau, 1986)

4.2. O folclore na escola

Primeiramente deve-se conhecer o significado da palavra folclore:

Segundo FERREIRA (1977, p.225), folclore quer dizer "O conjunto ou estudo das tradições, conhecimentos ou crenças de um povo, expressas em suas lendas, canções e costumes."

Para William John Thoms, (citado por ALMEIDA, 1976 p.3), a palavra FOLK-LORE, significa o "saber tradicional do povo" e ainda "usos, costumes, cerimônias, crenças, romances, refrãos, superstições, etc."

O folclore, incluído como uma das atividades rítmicas da disciplina de Educação Física, apresenta ramificações para as áreas de: a) Recreação, b) Cultura e c) Pedagogia.

a) Recreação: é através das atividades folclóricas que a criança se inspira para praticar várias brincadeiras e jogos. Seu dinamismo sugere sua inclusão nas atividades de Educação Física.

b) Cultura: o folclore está intrinsecamente ligado à cultura de um povo.

c) Pedagogia: suas características de lúdica, infantil e cultural servem de parâmetros para qualquer estudo ligado a essa área. A relação cultura e lúdica pode ser expressa através da brincadeira de roda "ciranda-cirandinha", por exemplo, enquanto folclore, apresenta todo o acervo cultural do tema e enquanto brincadeira de roda assume o aspecto recreacional. A brincadeira em si, desenvolve também na criança o seu esquema corporal e o senso de lateralidade.

Além disso, as manifestações folclóricas, enfatizam a tradição de atividades empregadas na própria escola, desde as praticadas pelas criancinhas como a "amarelinha", até atividades que exigem maior força muscular e vigor físico como a capoeira.

O professor deve aproveitar o folclore como par-

te integrante do seu programa de ensino. (Maria Alice M. Navarro, citada por DELA MÔNICA, 1976)

Para PALLARE'S (1981), as atividades folclóricas ambientam o indivíduo dentro de uma sociedade, desenvolvendo o instinto de solidariedade, além disso, ela desenvolve a audição, a expressão corporal, o ritmo. Através das danças populares, a tradição é desenvolvida na criança, desde o início.

Também a localização da criança no espaço, isto é, a atenção voltada ao controle do corpo em um determinado local do espaço, é importante no desenvolvimento dessas atividades.

As atividades folclóricas devem ser escolhidas com cuidado, para não contrariar a vontade da criança. Deve-se conhecer os antecedentes que a criança tem sobre este assunto e verificar qual a mais adequada no momento. Não se pode esquecer detalhes como coreografia simples, letra da música de fácil assimilação e a repetição dos movimentos que auxiliarão no aprendizado da criança.

Outro ponto também, seria motivar a criança, fazendo da atividade uma brincadeira gostosa, e que ela aprenda a gostar e valorizar o que um dia foi uma atividade lúdica praticada pelos nossos antepassados.

Na escola, especificamente, há o grande problema enfrentado quanto ao número de salas de aula, insuficiente para a demanda de alunos. Uma das alternativas encontradas foi diminuir a quantidade de horas dos alunos na escola, aumentando o número de períodos de aula por dia. O período de intervalo, diminuiu, assim como o tempo destinado ao lazer que este proporcionava.

Fora da escola, os espaços para se brincar, também diminuíram, as grandes áreas verdes dos parques, praças, terrenos, etc., foram minguando e atividades recreativas nelas praticadas, reduziram-se e algumas até desapareceram. O "soltar pipa" tornou-se um ato perigoso de ser praticado, devido à grande quantidade de fios que a rede elétrica implantou nos pos

tes da rua.

A rua, local onde se brincava de "amarelinha" , "soltar peão", "pega-pega", tornou-se um inimigo dos pais. Atividades consideradas básicas ao desenvolvimento humano, tornaram-se impraticáveis no mundo atual.

O que se deve fazer é reservar na escola um espaço para que essas atividades possam ser praticadas. A aula de Educação Física, justamente, tem condições de, por afinidade propor o assunto.

Conclui-se que as aulas de Educação Física deveriam ser obrigatórias no ensino escolar de qualquer grau, inclusive o pré-escolar.

RIBEIRO (1976), enfoca este tema afirmando que, as atividades folclóricas serviriam de ajuda no ensino da Educação Física, não só desenvolvendo o seu exterior, mas sim o ser humano por completo. A educação do físico não deve seguir a conotação literal da palavra, pelo contrário, deve-se entender toda a dimensão de seu significado.

Um exemplo para essa afirmação cabe à dança, que além do aspecto físico, desenvolve o social e moral. Bom comportamento, companheirismo, criatividade, raciocínio, rapidez no movimento, vêm ligados a ela.

A disciplina de Danças Folclóricas na Educação Física está dentro das exigências feitas pela educação no seu sentido amplo. O despertar do instinto de nacionalidade liga-se ao folclore e à cultura subjacentes a uma Nação. (RIBEIRO, 1976)

4.2.2. As cantigas de roda e as atividades escolares

Quando a criança não aprendeu cantigas de roda antes de entrar na escola, algumas vezes ainda tem chances e aprende na própria escola, com o professor. Nem sempre, porém, o mesmo professor acompanha o aluno em tempo integral.

Quando este não se encontra, a criança brinca sozinha, nesse momento o ato espontâneo vem à tona, as crianças aprendem e reaprendem entre si, uma ensinando a outra, conforme a situação do momento.

Na escola, a roda, como parte de um conteúdo programático, deixa de ter o caráter espontâneo e torna-se parte do ensino pedagógico, ressaltando-se o aspecto motor, cognitivo e social.

O lado afetivo busca novos espaços dentro da escola. (LOURENÇO, citado por RIBEIRO, 1976)

As cantigas de roda, vistas como atividades adequadas à escola, deveriam ser prioridade para qualquer currículo. Sua reelevante importância já foi anteriormente citada, e seus benefícios são incontestáveis.

Nas próprias propostas curriculares de Educação Física Pré-escolar e escolar, no entanto, não foi constatada a presença de atividades folclóricas de qualquer tipo.

"O Folclore serve e deve servir ainda à educação, os educadores, onde quer que estejam, poderão servir à ampliação dos estudos do Folclore." (LOURENÇO, citado por RIBEIRO, 1976, p.25)

PARTE II : METODOLOGIA: MATERIAL, MÉTODOS E POPULAÇÃO

As hipóteses foram comprovadas por meio de uma a valiação diagnóstica, constituída de 18 questões resumidas no quadro 1, referentes à:

Espaço para se brincar dependendo do local onde mora: questões 1-4.

Especificamente sobre "ciranda-cirandinha": questões 5-13, abordando aspectos tais como:

- conhecimento da brincadeira: questão 5
- gosto pela brincadeira: questão 6
- horário de brincar: questão 9
- forma de brincar: questões 11-12
- manutenção da tradição da brincadeira: 7, 8, 10 e 13.

Em relação à prática da "ciranda-cirandinha" na escola e especificamente, na aula de Educação Física: questões 14-18.

As respostas foram analisadas com a finalidade de:

- a) verificar a influência da modernização na brinadeira cantada "ciranda-cirandinha", quanto a sua forma e função;
- b) fazer um levantamento do papel da escola na estimulação de atividades físicas e recreativas, aplicadas regularmente.

Os resultados foram apresentados, através das porcentagens de incidências dos itens SIM ou NÃO, nas respostas.

A pesquisa consistiu em entrevistar crianças na faixa etária dos 6-8 anos.

A entrevista foi feita com o entrevistador lendo as questões fechadas de forma clara e limpa, e a criança, respondendo objetivamente SIM ou NÃO.

Foram feitas perguntas utilizando-se uma linguagem bem acessível ao nível das crianças, tais como:

- Seus pais deixam você sair na rua?
- Você vai à escola?

- Onde você mora tem algum espaço para brincar?

As respostas dadas, foram recolhidas e identificadas com data de nascimento, sexo e série, constituindo os protocolos iniciais do presente trabalho.

QUADRO 1

Foram salientados os aspectos reelevantes dos principais temas das questões no quadro resumo:

QUESTÃO	TEMA
Questão 1	Moradia
Questão 2	Espaço para lazer em casa
Questão 3	Frequência da brincadeira
Questão 4	Permissão dos pais para a criança brincar na rua
Questão 5	Conhecimento da brincadeira
Questão 6	Gosto pela brincadeira
Questão 7	Lembrança do aprendizado
Questão 8	Indivíduo que ensinou
Questão 9	Tempo para brincar
Questão 10	Observação da brincadeira
Questão 11e12	Forma de brincar
Questão 13	Modificação da letra perante esquecimento
Questão 14	Frequência escolar
Questão 15	Educação Física na escola
Questão 16	Aula de E.F. orientada pelo profissional da área
Questão 17	A "ciranda-cirandinha" dentro do currículo da EF
Questão 18	Prática da "ciranda-cirandinha" no intervalo das aulas.

PARTE II : DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

- Questão 1: Você mora perto do centro da cidade?

50% responderam SIM e 50% responderam NÃO

O objetivo desta questão era entrevistar a mesma quantidade de indivíduos da zona central (50) e da zona periférica (50), somando-se o total de 100 pessoas questionadas.

Na zona periférica de Rio Claro foram feitas entrevistas nos bairros: Bela Vista, Inocoop, Cervezão, Jardim das Paineiras.

Tanto na zona central, como na periférica, os locais escolhidos para se efetuar a entrevista foram: parques e, praças públicas, nas feiras livres e outros locais de grande concentração de crianças.

- Questão 2: Onde você mora tem algum espaço para brincar?

80% das crianças entrevistadas responderam SIM e 20% NÃO.

Das 50 crianças que responderam SIM na questão 1, 12 disseram que NÃO têm espaço para brincar em casa.

Das 50 crianças que responderam não na 1ª questão, 6 relataram que não têm espaço para brincar em casa.

Isto leva a observar que os indivíduos que moram na zona central e proximidades, têm menos espaço para brincar (12%) do que os que moram na zona periférica (6%)

Foram considerados locais para brincar, desde quintais até quarto de dormir (dentro do espaço físico da casa como um todo)

- Questão 3: Você brinca sempre lá?

Das 81 pessoas que responderam SIM na questão 2: 62 confirmaram que sempre brincam no espaço oferecido pela casa e 20 negaram,

- Questão 4: Seus pais deixam você brincar na rua ?

43 crianças têm permissão para brincar na rua e

57 não podem sair à rua para brincar.

Das 20 crianças que responderam na questão 2, que não podem sair para brincar na rua e destas 10 não podem sair à rua e nem tem espaço para brincar em casa, 6 moram na zona central.

Das 57 crianças que disseram não ter permissão para brincar na rua, 10 também não tem espaço para brincar em casa, como visto na questão 2.

Conclui-se então que das 100 crianças entrevistadas, 10 não podem sair na rua e tampouco têm espaço para brincar em casa, restringindo-se a brincarem com objetos e brincadeiras que não ocupem muito espaço, ou simplesmente, não brincam.

Estas, provavelmente, terão tendências ao sedentarismo, ou poderão ter muita dificuldade no desenvolvimento de habilidades motoras básicas.

Outro ponto a ser levantado, baseado no resultado da conclusão acima citada, é que das 10 crianças que não têm espaço para brincar, seja em casa ou na rua, 6, moram na zona central.

Isto indica que a modernização enfocada na revisão bibliográfica é comprovada pelos resultados obtidos, tem grande papel na alteração da tradição das brincadeiras de roda de um povo, especificamente das atividades físicas que exigem um certo espaço para serem realizadas.

-Questão 5: Você conhece a brincadeira de roda "ciranda-cirandinha" ?

90% das crianças responderam SIM e 10% NÃO.

Pelos dados colhidos, verifica-se que, a grande maioria das crianças entrevistadas, tem conhecimento desta brincadeira

- Questão 6: Você gosta desta brincadeira ?

90% das crianças entrevistadas, que responderam SIM na questão 5: 62 afirmaram a questão e 28 responderam negativamente.

- Questão 7: Você lembra quem lhe ensinou ?

Das 90 crianças que conheciam a brincadeira, 48 lembravam-se de quem as havia ensinado e 42 NÃO.

A quantidade de crianças que não se lembrava quem lhes havia ensinado a brincadeira, foi muito grande.

Consequentemente, muitas das brincadeiras que a prendemos, são praticadas de forma espontânea, assim, fica difícil lembrar quem as ensinou. Não há uma rigorosidade no processo ensino-aprendizagem. As crianças brincam, outras que não conhecem a brincadeira, primeiramente podem ficar observando do "lado de fora" e, com o tempo, integram-se ao grupo para o desenvolvimento da atividade.

Verifica-se também que a tradição, ainda que o resultado da questão tenha sido (48X42), tem leve tendência de permanecer.

- Questão 8: Quem foi ?

Das 48 crianças que conseguiram lembrar-se quem as havia ensinado: 6 aprenderam com o pai, 13 com a mãe, 3 com os tios, 2 com os avós, 7 com irmãos e 12 com amigos mais velhos.

As crianças ao responderem esta questão titubearam muito e responderam com certa incerteza. Isto confirma a afirmação feita na questão anterior.

- Questão 9: Que hora você brinca de "ciranda-cirandinha" ?

Das 90 crianças que responderam a questão, 15 brincam na parte da manhã, 25 à tarde, 20 à noite e 30 a qualquer hora.

Grande parte dos questionários foram feitos à tarde, onde se encontrou com maior facilidade, crianças brincando nos vários locais visitados, o que pode ser confirmado, pelo resultado de 25 crianças terem respondido que brincam na parte da tarde, contra 20 à noite e 15 de manhã.

O fato de 30 crianças terem respondido que brincam à qualquer hora, leva a acreditar que as atividades lúdicas

não tem um período do dia (24 hs), específico para serem realizados. Brinca-se quando se tem tempo, quando se sente compeli - dos, e estimulados ou quando se tem vontade ou possibilidade.

- Questão 10: Você costuma ver outras crianças brincando de "ciranda-cirandinha" ?

Das 90 crianças entrevistadas nesta questão, 73 costumam ver outras crianças brincando na rua e 17 não vêem.

Das 57 crianças relacionadas na questão 4, os quais os pais não deixam sair na rua, 39 costumam ver outras crianças brincando de "ciranda-cirandinha".

Este resultado revela que apesar dos pais não deixarem as crianças, saírem à rua para brincar, muitas delas observam outras crianças brincando de "ciranda-cirandinha". Esta observação pode ter sido feita pela criança através da janela de sua casa, do portão da garagem, do seu quintal, etc. Esta observação poderia também ter sido feita em outros locais como a escola ou parques, que para os pais oferecem, menos perigo do que a rua ou terrenos baldios.

- Questão 11: Quando você brinca de "ciranda-cirandinha", você apenas canta ?

21 crianças disseram que quando brincam de "ciranda-cirandinha", apenas cantam e 69 além de cantar, participam de outra forma.

Constata-se desta forma que a aprendizagem do movimento, para estas crianças.

- Questão 12: Quando você brinca de "ciranda-cirandinha", faz uma roda de mãos dadas ?

Das 69 crianças que responderam na questão anterior que não cantavam, apenas 60 cantam e fazem a roda de mãos dadas, e 9, apesar de conhecerem a brincadeira, não a cantam, e nem fazem a roda.

28 crianças responderam na questão 6, que não gostavam da "ciranda-cirandinha", portanto, 19 crianças, apesar de não gostarem da brincadeira, cantam ou fazem a roda, ou até mesmo brincam de "ciranda-cirandinha", de forma completa. (ba-

seado na resposta acima)

- Questão 13: Quando você esquece a letra da música, costuma mudá-la conforme outras crianças a conheçam ?

Das 90 crianças que responderam esta pergunta: 57 costumam mudar a letra e 33 não costumam.

21 crianças entre 60, cantam a música da "ciranda-cirandinha".

60 crianças entre 69, cantam e fazem a roda na "ciranda-cirandinha".

81 crianças entre 90, cantam a música da "ciranda-cirandinha".

Das 33 crianças que não costumam mudar a letra da música, 24 talvez prefiram mantê-la inalterada, por isso não cantam de modo diferente quando esquecem a letra da música e 9 conforme resultado da questão 12, não alteram a letra da música porque não cantam.

- Questão 14: Você vai à escola ?

93% das crianças disseram que vão à escola e 7% NÃO.

Dos 7% que responderam NÃO, isto é, não vão à escola, 6% são da zona periférica de Rio Claro e apenas 1% é da zona central da cidade.

Estes dados dizem que, os indivíduos que moram em regiões afastadas da zona central, têm menos recursos (econômicos) para frequentar uma escola e menos escolas para se matricular.

- Questão 15: Você tem aula de Educação Física, na sua escola ?

Dos 93% de alunos que vão à escola, 69 alunos, têm aula de Educação Física e 24 não têm.

- Questão 16: Na sua escola tem professor de Educação Física ?

73 crianças responderam que em sua escola há professor de Educação Física e 20 negaram esta questão.

73 crianças responderam ter professor de Educa -

ção Física em sua escola e na questão anterior; 69 alunos têm aula de Educação Física, conforme verificado nesta questão; portanto 4 alunos, apesar de terem professor, não possuem aula de Educação Física.

- Questão 17: Você brinca de "ciranda-cirandinha" nas aulas de Educação Física ?

21 crianças brincam de "ciranda-cirandinha", durante as aulas de Educação Física e 72 não brincam.

Para 21 crianças que brincam de "ciranda-cirandinha" durante a aula de Educação Física, não ficou-se esclarecido, se estas fazem a atividade, como parte do currículo oferecido pela escola, ou se brincam, como forma espontânea de praticar a atividade, desvinculadas da aula propriamente.

- Questão 18: Você brinca de "ciranda-cirandinha" durante o recreio ?

50 crianças brincam de "ciranda-cirandinha" durante o recreio e 43 NÃO.

Isto quer dizer que, para as crianças brincarem de "ciranda-cirandinha", requer-se apenas um bom espaço, um intervalo de tempo, etc. (como já foi dito na questão 9)

Observando-se o comportamento das crianças durante o intervalo do período escolar, verificou-se que os materiais oferecidos pela escola para a prática da lúdica infantil na Pré-escola como: banco de areia, escorregadores, balanços, gangorras, eram mais utilizados no início do recreio, ficando para o seu final, o desenvolvimento de atividades, que não utilizam qualquer tipo de materiais, e as brincadeiras de roda, foram uma das atividades incluídas neste período.

Nas escolas de 1º grau, os materiais oferecidos eram: quadra, bolas de todos os tipos, pedaços de cabo de vassouras, entre outros. A atividade de brincar de roda, foi pouco verificada.

CONCLUSÃO

Tomando-se por base os dados obtidos através do questionário aplicado, bem como dos aspectos reelevantes abordados na revisão bibliográfica, algumas conclusões foram evidentes:

A) A tradição em forma e função da brincadeira de roda "ciranda-cirandinha" tem uma leve tendência a permanecer (conforme verificado na questão 8), porém sua forma original, possui grande possibilidade de ter sido alterada, devido, às mudanças constantes do vocabulário da Língua Portuguesa e da constante improvisação da criança durante a execução da cantiga.

B) O fator espaço, relacionado ao local para se brincar, é muito importante para a realização da "ciranda-cirandinha". Quanto mais moderno e industrializado, é o local onde a criança reside, menos espaço ela tem para desenvolver suas atividades de lazer. Consequentemente, os processos cognitivos, afetivo-sociais e principalmente motores, sofrem um certo retardo e até mesmo anulação.

C) Baseado nos resultados da questão 4: tem-se que os pais influenciam na falta de espaço que a criança tem para brincar, proibindo-a de sair à rua. Esta superproteção pode ser devido ao excesso de carros que andam pelas ruas e pela grande desconfiança que existe na atualidade entre as pessoas.

O excesso de velocidade adquirido pelos carros, obrigando às autoridades, medidas de emergência como lombadas, placas de trânsito e advertência, assim como a grande frequência de crianças sequestradas, exigindo resgate ou não, são resultados alarmantes aos pais que, dia-a-dia, tornam-se mais apreensivos e inseguros para permitirem que seus filhos fiquem longe do seu alcance.

D) A "ciranda-cirandinha", assim como outras brincadeiras de roda, não é desenvolvida como deveria na escola e sua importância já foi descrita no Capítulo 3, deste trabalho.

Os professores de Educação Física ou aqueles res

ponsáveis pela prática da atividade física, fazem ou seguem um planejamento, baseado no currículo apresentado pela escola e como já foi visto, estas atividades folclóricas não estão incluídas como matéria obrigatória no currículo.

Através dos itens acima citados, chega-se por fim, à idéia de que, as brincadeiras de roda, assim como a "ciranda-cirandinha", ainda é de conhecimento de muitas crianças, mas sua prática fica restrita a apenas algumas.

Analogamente à uma espécie em extinção a "ciranda-cirandinha" poderá chegar a ponto de um dia ser considerada, apenas como uma vaga lembrança. Poderá ter-se apenas ouvido falar dela, porém sem nunca tê-la praticado.

Será preciso chegar a esse ponto para que atitudes drásticas sejam tomadas no intuito de alterar-se esse processo ?

Se o progresso é um processo irreversível ao qual todas as pessoas se adaptam; as tradições folclóricas também podem e devem se adaptar a ele, mas nunca serem esquecidas ao longo deste processo.

Os educadores devem utilizar-se do espaço escolar para o incentivo do nacionalismo que as atividades folclóricas, através da cultura, despertam em seus alunos. Um país sem cultura, é um país sem história e a história faz o homem.

Como o dito popular: "A infância é a melhor época da vida". Se nesta fase, não se pode pular, correr, enfim, brincar livremente de "ciranda-cirandinha" ou outra brincadeira então, se perde a melhor fase para o ser humano desenvolver auto-conhecimento e auto-confiança, aquisição da futura memória motora, da experimentação que gerará facilidade nos processos de solução dos problemas futuros.

Comparando-se, teria a retirada de uma parte da história, sua parte principal, e da vida o seu sentido mais puro, a vivência.

O presente estudo é oferecido na tentativa de alertar a população frente aos grandes problemas decorrentes da falta de preparo para a modernização e também como objeto de estímulo para futuras pesquisas na área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) ALMEIDA, Renato. "Folclore" Cadernos de Folclore, Rio de Janeiro, 3:3; 1976, 21p.
- (2) ARAÚJO, A. Maynard. Folclore Nacional: Danças, Recreação e Música. 3 vol., 2 ed. São Paulo, Melhoramentos, 1967
- (3) BEE, Helen. A criança em desenvolvimento. 3 ed., São Paulo, Ibrasa, 1984, 421p.
- (4) BOMTEMPO, Edna. Brinquedo: Necessidades e Limitações. in OLIVEIRA, Paulo S. Brinquedos Artesanais e Expressividade Cultural. São Paulo, SESC, 1982, pp.23-27.
- (5) BRAGA, Henriqueta R.F. Peculiaridades rítmicas e melódicas do Cancioneiro Infantil Brasileiro. Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 1950.
- (6) BRIGUIET, F. et alii História da música brasileira. 2 ed., Rio de Janeiro, 1942.
- (7) CASCUDO, Luís C. Dicionário do Folclore Brasileiro. 2 ed., Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1962, 660p.
- (8) CUNHA, Antônio G. Dicionário etmológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982, 839p.
- (9) DELLA MÔNICA, L. Manual de Folclore. São Paulo, Audiovisuais Brasileiras, 1976,
- (10) FERNANDES, F. Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo. São Paulo, Anhembi, 1961, 475p.
- (11) FERREIRA, Aurélio B.H. Minidicionário da Língua portuguesa Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977, 506p.
- (12) FERREIRA, Vera L.C. Prática da Educação Física no 1º grau: Modelo de reprodução ou perspectiva de transformação ?. São Paulo, Ibrasa, 1984, 108p.
- (13) GARCIA, Angélica R. Nossos avós contavam e cantavam. Belo Horizonte, Sion,
- (14) GIFFONI, Maria A.C. Danças Folclóricas Brasileiras e aplicações educativas. 2 ed., São Paulo, Melhoramentos, 1964

- (15) IKEDA, Alberto T. Fórmulas de Escolha no Populário Infantil. in PELLEGRINI, A. Antologia de Folclore Brasileiro São Paulo, EDART/UFPb/UFPa, 1982.
- (16) DIÉGUES, M. "Cultura e Comunidade" Revista Brasileira de Folclore, 14(41): 7-12, mai/ago., 1976.
- (17) JURADO, L.C. Cantigas de Roda: Jogo, insinuação e escolha. Campinas, UNICAMP, 1986.
- (18) LACERDA, R. Cantigas e Cantares: Músicas Folclóricas e mo-
dinhas goianas. 2 ed., Goiânia, UF Goiás, 1985.
- (19) MARINHO, Inezil P. Introdução ao Estudo do Folclore Bra-
sileiro. Brasília, Horizonte, 1980.
- (20) MARCONI, M.A. Brinquedos Cantados e Danças do Brasil. São
Paulo, Ricordi, 1978.
- (21) MELO, V. de Folclore Infantil. Belo Horizonte, Itatiaia ,
1921, 258p.
- (22) MELLO, A.M. Jogos Populares infantis como recurso pedagó-
gico de 1º grau no Brasil. Dissertação de mestrado, Uni-
versidade do Rio de Janeiro, 2 vol., 1985.
- (23) MIRANDA, N. Organização das atividades de recreação. Be-
lo Horizonte, Itatiaia, 1984, 110p.
- (24) OLIVEIRA, P.S. Brinquedos Artesanais & Expressividade Cul-
tural. São Paulo, SESC, 1982, 128p.
- (25) _____. O que é brinquedo. São Paulo, Brasiliense,
1984, 83p.
- (26) PALLARÉS, Z.M. Atividades Rítmicas para o pré-escolar. Por-
to Alegre, Redact-Prodil, 1981, 166p.
- (27) PEDREIRA, E. Folclore Musicado da Bahia. Salvador, Funda-
ção Cultural do Estado da Bahia, 1978.
- (28) RABELO, E. Ciranda: Dança de roda, Dança da moda. Recife,
Editora Universitária, 1979.
- (29) RIBEIRO, Maria L.B. O folclore na escola. Cadernos de Fol-
clore, nº 5, Rio de Janeiro, MEC/CDFB, 1976, 31p.
- (30) _____. O folclore no Ensino Primário. Revis-
ta Brasileira de Folclore, 2 (3):91-112, mai/ago, 1962.

- (31) RODRIGUES, A.A. Rodas, Brincadeiras e Costumes. Rio de Janeiro, PLURARTE, 1984, 336p.
- (32) SÃO PAULO (Estado), Secretaria de Estado da Educação, Coordenação de Estudos e Normas Pedagógicas. Proposta Curricular de Educação Física - 1º grau. 2 ed., Preliminar. São Paulo, CENP, 1986.
- (33) SÃO PAULO (Estado), Secretaria da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Subsídios para a implementação da proposta curricular de Educação Física para a pré-escola. São Paulo, CENP, 1983. 381p.
- (34) ENCICLOPEDIA da Música Brasileira: Erudita, folclórica e, popular. 2 vol., São Paulo, Art, 1977.

BIBLIOGRAFIA DE SUPORTE

- 1 - BENJAMIN, W. Reflexão: A criança, o brinquedo, a educação. 17 ed., São Paulo, Summus, 1984. 119p.
- 2 - HUIZINGA, J. Homo Ludens. São Paulo, Perspectiva, 1971 . 243p.
- 3 - LEIF, J. & BRUNELLE, L. O Jogo pelo Jogo: A atividade lúdica na educação de crianças e adolescentes. Rio de Janeiro , Zahar, 1978.
- 4 - MELO, V. Rondas Infantis Brasileiras. São Paulo, Depto de Cultura, 1953. 356p.
- 5 - MIRANDA, N. 200 jogos infantis. São Paulo, Martins, 1983. 294p.
- 6 - NAVARRO, Maria A.M. Aproveitamento dos Jogos Folclóricos na Educação Física: Uma Pesquisa em Instituições Educacionais em São Paulo e Guia de Jogos Folclóricos. Tese de Doutorado, ECA, USP, 1985.
- 7 - OLIVEIRA, P.S. et alii Brinquedos Tradicionais Brasileiros São Paulo, SESC, 1983.
- 8 - TINHORÃO, J.R. Pequena História da Música Popular: da Modinha à Canção de Protesto. Rio de Janeiro, Vozes, 1974.

ANEXO 1

MELODIA - PARTITURAS

Além da variação nas letras das músicas, podemos registrar também, diferentes partituras da "ciranda-cirandinha", as quais podem conter a mesma letra, variando, entretanto a estrutura melódica.

FOLCLORE INFANTIL - VERÍSSIMO DE MELO

RIO DE JANEIRO - 1981

pág. 238

CIRANDA, CIRANDINHA

Oe ran da ei ran din ha ra mos To dos ei ran:

dar dar la mos dar a mu a vel Ta mu a

la la la mos dar la mos dar a vel la in tei na ca ra

Nú na tre ca e

RODAS BRINCADEIRAS E COSTUMES
ANNA AUGUSTA RODRIGUES - RIO DE JANEIRO

pág. 38

CIRANDA, CIRANDINHA

ALLEGRETO ..

The musical score is written on two staves in G major (one sharp) and 2/4 time. The tempo is marked 'ALLEGRETO'. The melody is simple and rhythmic, with lyrics written below the notes. The first staff ends with a double bar line. The second staff begins with a repeat sign and includes first and second endings. The lyrics are in Portuguese and describe a game of tag.

Ci - ran - da ci - ren - dinha, Ve - mos to - dos ci - ran - dar! Va - mos
der a mei - a vol - ta, vol - ta e mei - a va - mos dar! Va - mos - tar!
Quem stá bem deixa to es -

NOSSOS AVÓS CONTAVAM E CANTAVAM

ANGÉLICA RESENDE

pág. 53

A CIRANDA, CIRANDINHA

1879

Bom Sucesso — Minas

Conhecido brinquedo de roda com variante. Para estas cirandas, cada menina vai dizendo o seu versinho.

The musical score is written on two staves. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 2/4 time signature. It is marked 'Canto' and includes a repeat sign. The melody consists of eighth and sixteenth notes. The lyrics 'A ci - randa, ciran - dinha, - Va - mos to - dos ci - ran - dar. A ci -' are written below the staff. A first ending bracket labeled '1.' covers the final two measures of the first staff. The second staff continues the melody with the lyrics 'dar; Va - mos dar a meia volta, volta e meia vamos dar. Se esta'. It is marked 'Maracas' and ends with a double bar line and a repeat sign.

1.
A ci - randa, ciran - dinha, - Va - mos to - dos ci - ran - dar. A ci -
dar; Va - mos dar a meia volta, volta e meia vamos dar. Se esta

PECULIARIDADES RÍTMICAS E MELODICAS DO CANCIONEIRO INFANTIL BRA

SILEIRO

HENRIQUETA ROSA FERNANDES BRAGA

RIO DE JANEIRO - 1950

pág. 82

Ex. 103



Ci - ran - da, ci - ran - di - nha, Va - mos
to-dos ci - ran - dar. Va--mos dar a mei - a
vol - ta, Vol-ta e mei - a va - mos dar.

FOLCLORE MUSICADO DA BAHIA

ESTHER PEDREIRA

pág. 55

CIRANDA, CIRANDINHA

Moderato

Ciranda, ci-ran - dinha. Va-mos to-dos ci-ran - dar. Vamos
dar a mei-a vol-ta, Vol-ta e mei-a va-mos dar, Vamos
dar a ou-tra mei-a, Ca-va - lhei-ro, tro-ca o par. Este
par não é meu, Es-te par es-tá tro - ca-do, O meu
es - ta-va de a - zul, Es - te es-tá de en-car - na - do.

ANEXO 2

TABELA 1 - Características da faixa etária

A criança dos 6 aos 12 anos: Um resumo

O físico da criança	O pensamento da criança	A socialização da criança
O desenvolvimento físico nesta fase, fica quase constante tendo uma aceleração na fase seguinte, a puberdade mais acentuada nas garotas. As capacidades motoras gerais, envolvendo os grandes grupos musculares, têm grande desenvolvimento, assim como a coordenação num andar de bicicleta por exemplo. Desenvolve-se também o campo visual, e auditivo, a criança prende sua atenção com maior facilidade.	Para Piaget, este período foi denominado de operações concretas, onde a criança no ramo da matemática (área exata), aprende a somar e subtrair. Tais operações podem ser feitas "de cabeça" ou no papel. Desenvolve noções de conservação e reversibilidade, onde o raciocínio lógico fica cada vez mais presente. A noção de moral, começa-se a surgir nesta fase.	Freud denominou este período de "Latência" porque o interesse ao sexo fica encoberto. Os grupos formados, integram-se com pessoas do mesmo sexo. As crianças tentam decifrar seus papéis na sexualidade, as meninas fixando-se em moldes os meninos nem tanto. As meninas tendem a se interessar pelo que os meninos fazem já o inverso não ocorre de maneira tão frequente. A relação pais e filhos torna-se mais fria. Os amigos fiéis são encontrados neste período.

ANEXO 3

QUESTIONÁRIO

data do nascimento_____
sexo_____
série

1 - Você mora perto do centro da cidade ?

☐ SIM ☐ NÃO

2 - Onde você mora tem algum espaço para brincar ?

☐ SIM ☐ NÃO

3 - Você brinca sempre lá ?

☐ SIM ☐ NÃO

4 - Seus pais deixam você brincar na rua ?

☐ SIM ☐ NÃO

5 - Você conhece a brincadeira de roda "ciranda-cirandinha" ?

☐ SIM ☐ NÃO

6 - Você gosta desta brincadeira ?

☐ SIM ☐ NÃO

7 - Você lembra quem lhe ensinou ?

☐ SIM ☐ NÃO

8 - Quem foi ?

☐ PAI ☐ MÃE ☐ TIOS☐ AVÓS ☐ IRMÃOS ☐ AMIGOS MAIS VE

LHOS;

9 - Que hora você brinca de "ciranda-cirandinha" ?

☐ MANHA ☐ TARDE☐ NOITE ☐ QUALQUER HORA

10 - Você costuma ver outras crianças brincando de "ciranda-cirandinha" ?

☐ SIM ☐ NÃO11 - Quando você brinca de "ciranda-cirandinha", você apenas can
ta ?☐ SIM ☐ NÃO12 - Quando você brinca de "ciranda-cirandinha", faz uma roda de
mãos dadas ?☐ SIM ☐ NÃO

13 - Quando você esquece a letra da música, costuma mudá-la conforme outras crianças a conheçam ?

() SIM () NÃO

14 - Você vai à escola ?

() SIM () NÃO

15 - Você tem aula de Educação Física na sua escola ?

() SIM () NÃO

16 - Na sua escola tem professor de Educação Física ?

() SIM () NÃO

17 - Você brinca de "ciranda-cirandinha" nas aulas de Educação Física ?

() SIM () NÃO

18 - Você brinca de "ciranda-cirandinha" durante o recreio ?

() SIM () NÃO--

ANEXO 4

RESULTADOS

		SIM		NÃO
Questão 1	-----	50	-----	50
Questão 2	-----	82	-----	18
Questão 3	-----	62	-----	20
Questão 4	-----	43	-----	57
Questão 5	-----	90	-----	10
Questão 6	-----	62	-----	28
Questão 7	-----	48	-----	42
Questão 8	----- PAI: 6 -----	MÃE : 13	-----	TIOS: 8
	-----AVÓS: 2 -----	IRMAOS:7	-----	AMIGOS MAIS <u>VE</u>
				LHOS: 12
Questão 9	-----	MANHÃ: 15	-----	TARDE: 25
	-----	NOITE: 20	-----	QUALQUER HORA: 30
Questão 10	-----	73	-----	17
Questão 11	-----	21	-----	69
Questão 12	-----	60	-----	09
Questão 13	-----	57	-----	33
Questão 14	-----	93	-----	07
Questão 15	-----	69	-----	24
Questão 16	-----	73	-----	20
Questão 17	-----	21	-----	72
Questão 18	-----	27	-----	66